

Resenha

CHAVES, FLÁVIO LOUREIRO (ORG.). *LEITURAS DE DRUMMOND*. CAXIAS DO SUL, EDUCS, 2002.

Maurício Silva*

Com a comemoração do centenário do nascimento de nosso poeta-maior, Carlos Drummond de Andrade, proliferaram no mercado editorial brasileiro obra que buscam interpretar sua produção poética sob as mais diversas perspectivas críticas. O livro organizado por Flávio Loureiro Chaves (*Leituras de Drummond*. Caxias do Sul, Educs, 2002) não foge à regra: como o próprio título adianta, são *leituras* do texto poético drummondiano, tencionam, ao mesmo tempo, interpretá-lo e homenagear aquele que é considerado o mais importante poeta brasileiro moderno.

Como coletânea crítica, contudo, os textos dificilmente adquirem unidade, revelando-se antes leituras um tanto aleatórias de uma produção reconhecidamente variada. Tudo isso, logicamente, causa certa estranheza, sobretudo por se tratar de autores de comprovada competência analítica, mas que, ao que parece, não se empenharam tanto quanto poderiam nesta empreitada, por isso sem arriscar grandes formulações teóricas a servir de fundamento às análises.

Abrindo a coletânea com “Introdução ao *Gauche*”, Affonso Romano de Sant’Anna afirma ter Drummond no conceito de *gauche* um dos tópicos fundamentais de sua produção poética, a partir do qual pode-se buscar uma compreensão totalizante de sua obra, já que é nesse conceito que se cristaliza “a essência da personalidade estética do poeta” (p. 19). Caracterizado como um desajustamento contínuo entre a realidade do poeta e o mundo exterior, apontando para uma permanente crise entre o sujeito e o objeto, a idéia de *gauche* apresenta, no percurso poético drummondiano, vários aspectos, mas sempre se manifestando – em todos os estágios dessa produção – num sentido dramático. Assim, suas obras apresentariam, segundo o crítico, um substrato dramático, que, ao se desdobrar em vários egos auxiliares, manifesta-se toponimicamente como *lado esquerdo*, cromaticamente como *tons escuros* ou morfológicamente como *tortuosidade*, o que confere à poesia de Drummond um caráter sutil e particularmente barroco.

Em “Drummond: Infância e Literatura”, Antonio Carlos Secchin ressalta as oscilações, na poética drummondiana, entre a atração do mundo e o individualismo da província, efeito que pode ser verificado desde seu primeiro

* Professor do Centro Universitário FMU; doutor pela Universidade de São Paulo

livro. Concentrando-se, contudo, nesse aspecto intimista da poesia de Drummond, o autor analisa a poesia “Infância” (*Alguma Poesia*), destacando o quadro familiar ali esboçado, marcado principalmente pelos sentidos de exclusão e isolamento.

Domício Proença Filho, com “Poema-puxa-poema em Carlos Drummond de Andrade”, começa lembrando que o olhar poético é aquele que revela realidades obscuras de nossa condição humana, traço marcante da poesia de Drummond, propondo-se a analisar a configuração, em sua produção poética, de um diálogo intertextual a que denomina *poema-puxa-poema*. Analisa, neste sentido, as peças “Poema de Sete Faces” (*Alguma Poesia*) e “José” (*José*), no primeiro dos quais já se encontram as contantes que integram a visão de mundo do poeta mineiro, as quais, aliás, reproduzir-se-ão no segundo poema, mais de uma década depois. Como estes dois poemas, outros estabelecem também uma relação dialógica, revelando, por exemplo, ora o processo de coisificação por que passa o ser humano, ora o sentimento trágico do próprio existir, revelando sempre uma “retomada intertextual” (p. 56), própria do fazer poético drummondiano.

Em “Apontamentos sobre Carlos Drummond de Andrade”, uma das melhores leituras da coletânea, Fábio Lucas destaca a existência, na obra de Drummond, de um misto de canto épico e lirismo: “ora a composição se abre aos valores englobantes da sociedade, transcendentais da esfera individual, ora se acolhe ao drama interior, particularizado em acidentes pessoais. Mas, a partir da maturidade, o poeta decididamente se inclina para a expressão lírica, quer da produção alheia, quer da própria” (p. 66). Para o crítico, enquanto a poesia de Drummond encontra-se balizada por dois pólos (*Alguma Poesia*, de um lado, e *Boitempo* e *A Falta que Ama*, de outro), pólos no meio dos quais encontram-se dois cumes (*A Rosa do Povo* e *Claro Enigma*), sua prosa se espalha em *Contos de Aprendiz* e *Contos Plausíveis*, os quais trazem textos ora de perfil realista, ora de configuração mágica.

Com “Drummond, Mineiro e Universal”, Flávio Loureiro Chaves destaca o fato de a poesia de Drummond revelar-se sempre atual e afinada com o próprio universo pessoal. Daí sua poesia, ao traçar “complexa geografia subjetiva” (p. 72), percorrer os caminhos da memória, construindo um autêntico “território psicológico” (p. 72). É nesse percurso da rememoração, ainda, que Drummond verbaliza seu espaço histórico, revelando aspectos de sua mineiridade. E em “Drummond e a Poesia como Conhecimento”, João Alexandre Barbosa identifica no trabalho de Drummond, como também no de João Cabral, a ocorrência da poesia como pesquisa e conhecimento da realidade, fenômeno que implica a reordenação dos valores da própria linguagem.

Em “Que Século, meu Deus!”, João Clemente Pozenato ressalta o fato de Drummond ser um poeta de muitos leitores, com várias edições de sua obra, no Brasil e no exterior, criando uma poesia que é, ao mesmo tempo, “experiência real e (...) construção fictícia, é confissão de humano e representação de artista” (p. 96). Dotado de funda consciência artista, do

fazer poético mesmo, Drummond cria uma obra em que tudo se vincula à escrita, ao discurso escrito, sinalizando não apenas a ruptura com a oralidade e musicalidade da poesia (já que feita basicamente para ser lida), mas também a ruptura do homem com a natureza, erigindo-se num poeta fundamentalmente urbano: “ninguém como Drummond percebeu (e falou sobre) o estralçamento de um mundo perdido – a doce natureza virgiliana – e a angústia da perda da identidade pessoal nas megalópoles modernas” (p. 97).

Já Leticia Malard, com “Drummond: O Poeta Engraçado”, estuda a inserção do humor e da sátira na produção literária de Drummond, destacando o recurso da paródia e o da enumeração caótica, criando um efeito cômico: “alguns aspectos da escrita de Drummond oscilam entre o riso culto e inteiriço da paródia e o riso espontâneo e enigmático do fragmento enumerativo” (p. 110). Em “A Máquina Recusada”, Luís Augusto Fischer procura analisar o célebre poema “A Máquina do Mundo” (*Claro Enigma*), em que Drummond exprime um fundo sentimento de derrota da ilusão, resultando numa representação cabal de nosso jeito de ser. E em “Interminabilis Vita”, Marco Lucchesi destaca a contemporaneidade da poesia de Drummond, na qual percebemos impresso todo o século XX, num feliz encontro entre poesia e história.

Com “Imagens Urbanas na Poesia de Drummond”, leitura de fôlego de Maria do Carmo Campos, a autora trata da inserção da cidade do Rio de Janeiro na poesia de Drummond, poeta que torna o cenário urbano um dos temas privilegiados de sua poética, a qual se abre para motivos “menores”, dessacralizados: “em Drummond, a cidade pode ser lida como um lugar profano e necessário, absurdo e irreversível, reconhecido nos fragmentos e ligamentos de sua vasta poesia. O Rio de Janeiro é captado como urdidura de múltiplas redes de progresso e ruína, experiência e reificação.” (p. 136). Resumidamente: “a cidade pontua toda a obra de Drummond, podendo ser interpretada por suas vinculações com o materialismo do século XX, ora através de um conjunto de imagens e formas visíveis, ora enquanto sonoridade diversificada que se impõe, ora como lugar da pressa e da fome, ora como um conjunto humano homogêneo e massificado. É como se a multiplicidade dos papéis urbanos aniquilasse a condição do indivíduo, que pode ser reconhecido apenas como um morador: as funções liquefazem os sujeitos, que desaparecem num todo maior, conjunto ao mesmo tempo frágil e onipotente” (p. 144).

Finalmente, encerrando a coletânea, Maria Zilda Ferreira Cury, em “O Poeta e a Cidade nos Anos Vinte”, analisa a atividade de Drummond nos jornais em que trabalhou, escrevendo artigos e crônicas, parte menos conhecida e estudada de sua obra, mas igualmente importante para a compreensão de sua poética. Nesse sentido, a autora ressalta a tematização, por Drummond, da cidade de Belo Horizonte, presente em grande parte de seus textos jornalísticos, ora como metrópole em franco desenvolvimento e em vias de modernização, ora como uma cidade que guarda as tradições culturais do passado: “tomando posse, a seu modo, dos espaços de Belo Horizonte,

seduzidos pela suas promessas de modernidade e de possibilidade de participação intelectual e política, Drummond e seu grupo reivindicaram seu direito à cidade. Inscreveram-se, com sua produção, no processo de vanguarda que atingia outros grupos literários com a marca de seu tempo e com a especificidade do espaço em que atuavam” (p. 174).

O livro, como ressaltamos no começo, padece de uma heterogeneidade intrínseca, com textos de maior sagacidade e fôlego nas interpretações e outros mais acanhados e superficiais. Neste sentido, a unidade que se queria, conquistada na medida em que a poesia de Drummond perfaz o *corpus* a ser analisado, fica relativamente abalada, acusando um descompasso entre as atitudes críticas dos autores, mas que, apesar disso, não compromete o conjunto. Por isso, torna-se inegável o fato de que, do máximo empenho analítico ao enfoque minimalista, as disparidades avultam, disparidades das quais, não obstante, a poesia de Drummond só sai engrandecida, por permitir tanto a leitura minuciosa e percuciente quanto a observação epidérmica.